

Atenção: gravação para o ciclo de História Contemporânea do Museu da Imagem e do Som, realizada hoje, dia vinte e nove de março de 1968, gravação em que será ouvido a figura histórica de João Cândido, João Cândido cujo depoimento começa aos dois minutos para as treze horas deste dia no estúdio do Museu da Imagem e do Som, à Praça Marechal Âncora será entrevistado por... pelo historiador Hélio Silva. À mesa, assistindo ao depoimento de João Cândido, o seu filho, nome completo?

Adalberto Cândido: Adalberto Cândido.

RG: Adalberto Cândido, a jornalista Dulce Alves e o superintendente do museu, Sérgio Junqueira, além do Diretor executivo, que está no momento abrindo esse depoimento, Ricardo Gravalpin. Passo a palavra ao historiador Hélio Silva.

HS: João Cândido, você se tornou um nome da História do Brasil, um nome da história mundial porque se ligou a uma causa de libertação. Há momentos em que cada um de nós pode crescer tão desmesuradamente que, com o passar do tempo, olha-se o que foi feito e parece impossível que um homem num dado momento tenha tido essa capacidade de realização, que nesse momento você foi um símbolo. Eu pergunto a este velho, embora um velho forte, um homem válido ainda, mas em que os anos marcaram duramente a sua passagem. Eu pergunto, primeiro lugar: você se recorda perfeitamente do que aconteceu a vinte e dois de novembro de 1910?

JC: Recordo.

HS: Você, se hoje você voltasse a ser o mesmo marujo daquele dia, embora a vivência desse novo período de mais de cinquenta anos tivessem dado a você uma longa experiência da vida e dos homens, se o João Cândido vivido de hoje voltasse a ser o João Cândido moço daquele tempo, se fosse possível esse milagre, de reunir a sua experiência e a sua mocidade, você teria agido, hoje, se hoje fosse dia dez, vinte e dois de novembro de 1910, você teria agido como agiu?

JC: Teria agido da mesma forma.

HS: Bravos. Você é um homem coerente com sua vida. Agora, eu pergunto então, num momento em que isso vai ser fixado numa fita para a posteridade. Uma fita em que os moços de amanhã, não conhecendo mais você, sem ter a menor de quem eu seja, terão apenas na fixação da sua voz um depoimento, e na minha como que um reflexo, apenas um interrogatório. O entrevistado é você, é você que deve falar. É preciso fixar quem foi este homem que passou todo este tempo e que não desapareceu nem desaparecerá. Seu nome todo: João Cândido...

JC: João Cândido Felisberto.

HS: Filho de...

JC: Filho de João Cândido Felisberto.

HS: E sua mãe?

JC: Inácia Felisberto.

HS: Nascido quando?

JC: 24 de julho de 1880.

HS: Aonde?

JC: Na cidade de Rio Pardo.

HS: Família numerosa? Quantos irmãos você tinha?

JC: Tinha... tinha três irmãos e quatro irmãs.

HS: Porque você entrou para a Marinha de Guerra? Você foi voluntário ou você foi recruta?

JC: Depois da revolta de Floriano, como houvesse falta de... de marinheiros na... na Armada, a Marinha tava esfacelada, eu fora transferido do Arsenal de Guerra, que tinha excesso de alunos o Arsenal de Guerra de Porto Alegre, para a escola de mari... de aprendiz de marinheiros da Marinha.

HS: Você tinha portanto ingressado na Marinha e ingressado numa escola? Você era um moço pobre que queria melhorar de situação, situação inclusive intelectual. Você entrou para uma escola onde você iria aprender, e dessa escola você passou para...

JC: Para a Marinha.

HS: Para a Marinha. Com que idade você ingressou na Marinha, vestiu a farda de grumete?

JC: Com quatorze anos.

HS: Com quatorze anos de idade. Com que idade você deixou a Marinha, foi desligado?

JC: Com... com trinta e dois anos.

HS: Portanto você pertenceu à Marinha...

JC: Dezesete anos.

HS: Dezesete... dezoito anos (pausa). Você deixou ...

JC: Pertenci à Marinha de cinco de dezembro de 1895, de 1895 a trinta de dezembro de 1912.

HS: Você deixou forçado. Você teria deixado voluntariamente a Marinha?

JC: Não senhor. Fora excluído.

HS: Você teria se possível pertencido até hoje à Marinha?

JC: Certamente hoje estaria hoje afastado já pois já teria...

HS: Então, você não guarda queixas da Marinha?

JC: Não, nenhuma.

HS: Você não tem queixas do mar?

JC: Não, o mar era meu amigo.

HS: Em 1910, é preciso que os que no futuro ouvirem essa conversa tenha idéia do que fez. Eu não estou tão aliado do problema. Em 1906, no dia 21 de janeiro, explodiu o encouraçado Aquidaban. No bojo deste navio ficou o corpo do meu pai, Mario Ribeiro da Silva, oficial combatente, professor da Escola Naval. Portanto na minha infância eu me familiarizei com muitas coisas da Marinha, encontrei velhos amigos de meu pai. Mas eu estou ouvindo e aprendendo com você. Era uma tradição na Marinha de todo o mundo o castigo corporal, que foi abolido à proporção que o homem teve sentimento da sua dignidade... no Brasil, legalmente, o castigo corporal foi abolido com a proclamação da República, mas de fato o castigo corporal não tinha sido abolido na Marinha?

JC: O terceiro decreto assinado por Deodoro foi abo... abolindo o castigo corporal nas Forças Armadas.

HS: Mas não entrou em vigência esse artigo na Marinha. A Marinha continuava a castigar. Por que faltas eram castigados os marinheiros?

JC: Pelas mínimas, mínimas faltas.

HS: Não respondiam a inquérito, era uma coisa sumária.

JC: Era só antipatia. Tomava antipatia do oficial e pronto.

HS: Apenas os marinheiros ou os inferiores também eram castigados?

JC: Os inferiores andavam...

HS: Castigavam os sargentos?

JC: ...mas certamente eram punidos com rebaixamentos e transferências...

HS: E esse castigo era feito de forma... já em si era um castigo aviltante. A prova é que a chicotada é considerado um crime com agravante, é ultrajante. Mas revestia-se esse castigo de circunstâncias mais aviltantes, como era chicoteado o marinheiro?

JC: Amarrados em... em um aparelho, um... um pau... um ferro que tem nas... nas cobertas dos navios, eram expostos ali, amarrados e castigados brutalmente.

HS: Nus da cintura para cima?

JC: Nu da cintura para cima.

HS: E a marujada formada, era um espetáculo público?

JC: Era espetáculo.

HS: Quer dizer, era um espetáculo de castigo físico e de degradação. E essas... como era esse instrumento de suplicio?

JC: Quando não eram as varas de marmelos, era uma... uma corda intitulada corda de... de barca, linha de barca, e sempre os carrascos colocavam agulhas e pregos, preguinhos pequenos na ponta, coberto...

HS: Esse tipo de açoite com pequenas peças de ferro ou de pedra são destinadas a arrancar pedaços de carne. Foi o tipo de açoite com que foi flagelado Jesus Cristo (pausa). Havia portanto um protesto, um movimento generalizado de repulsa a essa situação. Havia como que um estado latente. Todos eram contra ou havia alguma conspiração em curso, havia um movimento articulado para um determinado protesto ou foi uma coisa num dado momento, espontânea, que (ininteligível)...

JC: Havia, havia uma conspiração. Havia aí uma conspiração de protesto.

HS: Essa conspiração pretendia...

JC: E a Marinha... a Marinha seguramente sabia. A Marinha toda sabia.

HS: Sei. E essa... como é que pretendiam fazer? Esperavam alguma data?

JC: Esperávamos data e... poderes... esperamos a construção dos novos navios na Europa, depois de estarmos lá há dois anos em contato com marinheiros de outras nações.

HS: Esse marinheiros das outras nações, notadamente da Inglaterra, não eram mais chicoteados?

JC: Não.

HS: Então os marinheiros foram à Inglaterra para trazer as belonaves vindas da Inglaterra, o Minas e o São Paulo, vieram de lá mais conscientes de que deviam reivindicar esse respeito à dignidade da pessoa humana.

JC: Foi lá.

HS: Esse foi o lucro. Portanto nós vimos, não apenas um movimento de protesto, de defesa, de instinto de conservação, contra um castigo ultrajante. Nós vimos sobretudo uma tomada de consciência...

JC: Era um movimento organizado. Levamos mais de dois anos como um movimento organizado.

HS: Esse movimento pretendia realmente tomar conta de navios e... e fazer um ultimato ou pretendia lançar apenas um protesto esperando que fosse (ininteligível)...

JC: Não senhor, nós pretendíamos era impor, impor como impu... impusemos. Nada nos foi oferecido, nós impusemos, queremos isso e tem que se decidir por isso.

HS: Então a data é que foi precipitada em face do espetáculo do marinheiro que recebeu duzentas e cinquenta...

JC: Marcelino Rodrigues.

HS: ...vergadas... O movimento teria sido inicialmente planejado para o 15 de novembro, depois foi adiado e resolveram que seria entre 24 e 25, mas o castigo de Marcelino Rodrigues principiou tudo.

JC: Principiou.

HS: E isto é o que consta de um dos muitos livros escritos sobre esse acontecimento, livro de Edmar Moreal...

JC: Tanto como este também, este também é de Edmar Moreal...

HC: Notando-se que Edmar Moreal conquistou a má vontade contra ele, e esse livro lhe custou a cassação de direitos políticos. Mas... diante desse espetáculo brutal, desse choque, em que um homem foi vergastado a ponto de cair sem sentidos, quase morto, resolveram precipitar a revolta. Já estava tudo preparado. E vocês fizeram essa notificação aos oficiais que estavam a bordo, porque no São Paulo os oficiais foram notificados e se retiraram todos. Você estava no Minas Gerais. No Minas Gerais os oficiais presentes foram notificados da revolta, foram intimados a deixar o navio?

JC: Por exemplo, o comandante fora. Se morreu foi por insistência própria.

HS: Quer dizer, eles ofereceram resistência.

JC: Nada, nenhuma.

HS: Não, mas o comandante Batista das Neves ofereceu resistência. Quer dizer, vocês pretendiam...

JC: ...queriam impor a autoridade.

HS: que eles se retirassem... vocês queriam...

JC: ... queriam impor a autoridade.

HS: Sei. Vocês, quando se sublevaram, vocês queriam que os oficiais se retirassem. Se eles tivessem se retirado não teriam sido molestados?

JC: Não.

HS: Isso é muito importante. Agora, eles, no sentimento do cumprimento também de seu dever...

JC: Pois não.

HS: ...eles quiseram impor a disciplina, entraram em luta. Portanto esses homens foram mortos bravamente, lutando, defendendo a sua dignidade, a sua autoridade, mas foram mortos em combate, ou foram chacinados inertes?

JC: Não, eles se impuseram.

HS: Os que foram mortos foram mortos se defendendo?

JC: Se defendendo.

HS: E matando também...

JC: ...matando...

HS: ...se defendendo, porque tem um oficial que ao mesmo tempo que é transpassado por uma baioneta, ele atravessa um marinheiro com uma espada. Afastados esse elementos, vocês entraram no domínio do navio, e vocês fizeram transportar para a terra os corpos dos oficiais. Esse transporte foi feito por marinheiros revoltados ou marinheiro que não tinham aderido?

JC: Por marinheiros revoltados e por embarcações que passavam.

HS: E esses marinheiros entregaram os corpos e puderam voltar ou ficaram detidos?

JC: Puderam voltar.

HS: Puderam voltar?

JC: Puderam voltar.

HS: Vocês então ...

JC: Desembarcamos também as missões instru... instrutoras que tínhamos a bordo. Tí... tínhamos nações instrutoras de... de diversos países.

HS: É, tinham lá inclusive por causa das instalações do navio que elas tinham que responder. Vocês retiveram a bordo alguns suboficiais, alguns técnicos de comando de máquinas qualquer.

JC: Ah, aí sim. Vinte...

HS: Vinte. Permaneceram trabalhando sob coação.

JC: Os de máquina e... aderiram, aderiram num momento, num certo momento que não...

HS: Aceitaram a situação, pelo menos?

JC: Aceitaram a situação...

HS: Quer dizer, ele não foram, tiveram que trabalhar mas eles não foram molestados fisicamente.

JC: Não

HS: E então eu pergunto porque esse tema é muito controverso. Desde o primeiro momento, a grande maioria dos autores que trataram da revolta, da revolta de João Cândido, dão a você um papel preponderante, mas evidentemente toda medalha tem seu reverso, e houve relatórios oficiais, houve escritores que acharam que tinham exagerado a sua atuação e negaram. Houve um escritor, já falecido, que declarou que

você não tinha tomado parte na revolta, que você tinha se refugiado no **(ininteligível)** e que fizeram você descer para comandar o navio. É uma voz isolada, e eu estou apenas trazendo esse depoimento porque nós estamos depondo para a posteridade. E eu gostaria de ouvir da sua própria voz a sua atuação neste momento, se você era o chefe da revolta dentro do navio ou se seus companheiros aclamaram você como chefe por ser o mais indicado, o mais capaz? Queria que você falasse ...

RG: Eu sugiro inclusive que o nosso João Cândido relatasse completamente esse fato.

HS: Ele tem a palavra...

JC: Eu tive o poder na organização da conspiração e tive o poder determinado pelos comitês para assumir a direção da revolução com todos os poderes. Eu dispunha de todos os poderes. O chefe da missão inglesa Mister Thompson disseram num relatório escrito que não sei se ele se... ele havia ficado no Brasil. Um inglês que viera como chefe da... com garantia das missões inglesas, e no relatório dele ele disse que nunca vira coisa tão bela. Mister Thompson, inglês, Capitão de Guerra da Marinha Inglesa. Saíra de bordo do Minas Gerais com todas as honras, com todos os, os... as missões inglesas, e ele residia no Brasil, depois não sei se voltara à Inglaterra. Porém, a organização da revolta, nós... eu dispunha de todos os poderes, como dispus dentro da revolta de todos os poderes do Brasil. Parei o Brasil. Durante seis dias parei o Brasil, eu mandava na... era o Minas Gerais e São Paulo. Era quem determinava. Tanto assim... nós tínhamos um comitê de conspiração na Vila Rio Barbosa, na cara da polícia. Nós na vila, nós alugamos lá um teto lá, alugamos todo um andar e impusemos. Ali nós conspirava. Nós tínhamos outro comitê na Rua São Jorge, que era onde eu, eu morava. Tinha outro comitê na Rua João da Bola, lá no morro. Lembro até que nós mantínhamos os comitês nos próprios hotéis onde nos estávamos residindo, esperando a conclusão dos navios. Nos hotéis Hat House e **(?)** House, que são grandes trades... e lá da Inglaterra nós despachava mensageiros para o Brasil, nós estávamos à vontade. Quase dois anos por conta do governo, nos mandávamos mensageiros sondar a situação dos comitês que estavam trabalhando aqui. De maneira que quando nós viemos nós viemos na certa... **(ininteligível)** ...me mandou ainda um caso com referência à posse do Marechal Neno **(?)**, houve, houve um grande temporário então em terra mesmo eu expedia os... expedíamos os mensageiros que estava sem efeito as ordens anteriores... que esperassem novas ordens, com a transferência (tosse). De forma que não podíamos falar já em outra coisa. A oficialidade da época foi que duvidaram que os marinheiros tivessem capacidade de levar a efeito qualquer um movimento contra... contra... contra a

oficialidade (pausa). Eu tive com a vida exposta que sempre foi.. fui contra as violências. Assumi o comando da revolução com as condições tais, de poupar vida, poupar vida porque eu... o Rio de Janeiro pra mim é a minha cidade amada. Cheguei aqui com quinze anos, estou com oitenta e oito... nestes setenta e três anos de idade, quer dizer, de permanência... sou um histórico “fio” da cidade do Rio de Janeiro. Conheço a vida... vida nova e velha, seus melhoramentos, seus sofrimentos, as suas (ininteligível) eu conheço. Setenta e três anos dá bem para isso. Sou tricentenário do Rio de Janeiro, em 1900 assisti o quarto centenário do descobrimento. Em 1922 o quarto centenário, o primeiro centenário de... da Independência. E agora ultimamente o quarto centenário da fundação. De forma que eu sou um... conheço a cidade do Rio de Janeiro a fundo... a fundo, a mínima, e não aceito contestações. Todo o Rio de Janeiro de hoje, de hoje, né... eu também posso dizer, eu vejo aí jornais escreverem sobre o Rio de Janeiro... o carioca de hoje conhece quase só Copacabana, da supercidade (pausa). Não se lembra que existe Gambú, que existe Saúde, que existe o Santo Cristo, que existe Dona Clara ainda com aspecto colonial, a não ser (ininteligível) foi tomado no mar. E dessa forma, Copacabana hoje, o estrangeiro vem aqui, o turista sai daqui conhecendo só Copacabana que não temos condições de oferecer-lhe outra coisa, só Copacabana. As vielas aí, essas coisas... as vielas estão aí... [?], Rua do Ouvidor, Hospício, Sete de Setembro [?] são as antigas vielas do Rio de Janeiro, estão aí. Não são ... não representam coisa nenhuma hoje, em uma cidade da estrutura do Rio de Janeiro. São vielas que estão aí, a Gamboa tem um aspecto colonial, a Saúde a mesma coisa, a Santo Cristo a mesma coisa, de maneira que os cariocas só conhecem a Zona Sul. Que eu conhecera a mata virgem, virgem, virgem, com cabanas de pescador e roças, roceiros portugueses, que plantavam, né, criavam cabritos, porcos. Vinha-se mais depressa, vai-se mais depressa de ônibus hoje daqui a São Paulo do que se vinha de Copacabana aqui antigamente, para chegar aqui ao mercado. Aqui, aonde estamos, era o antigo Arsenal de Guerra, onde mataram o Marechal Bitencourt, aqui era o antigo Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro... o Rio de Janeiro cresceu, transformou-se, mas falta muito. E enquanto amigos e inimigos, inimigos que eu, que pouca importância dou... eles criticam... criticam a revolta dos marinheiros por este ou por aquele motivo, essas coisas. A chibata na revolta na Marinha do Brasil fora introduzida pelos organizadores da Marinha do Brasil, aquela oficiais ingleses, **Colpes?** e outros, que eram piratas da Marinha Inglesa, dispostos a andar aí pelo mundo, roubando... primeiro organizou a Marinha chilena, e depois veio para o Brasil. .Aqui no Brasil eles impunham, que os portugueses não acreditam que os brasileiros eram um povo... Eu, quando viera para a Marinha, ainda encontrei uma porção de oficiais

ingleses na Marinha, contratados, oficiais austríacos, oficiais portugueses, aí na Marinha. E eu lamento é que este ódio, o ódio do oficiais, é o ódio, aquele carranca... Encontrei "oficiar" que... tinha um oficiar na Marinha muito meu amigo, Alexandre de Alencar, porque a minha família fora... recebeu favores dele no Rio Grande do Sul... em Porto Ale... em Rio Pardo, que ele é nascido. Eu estive em Rio Pardo há oito anos e a casa que ele nascera lá em 1848 esta lá, está lá perfeita. É o que ... é a escola ...grupo Fortaleza. E em Rio Pardo conheci lá o... também Silveira Martins, grande (ininteligível) do Império ...

HS: Grande liberal, Gaspar Silveira Martins.

JC: É, Gaspar da Silveira Martins. Cheguei lá e o palacete ainda está lá, em frente à Escola Militar, Escola Militar de Táticas onde... em Rio Pardo onde ...

HS: Esteve Getulio Vargas.

JC: Esteve Getulio Vargas, chegou a Sargento .

HS: Góes Monteiro...

JC: Góes Monteiro, Vespúcio de Abreu, que era da família em que me criou em porto Alegre, família **Ponzalini Rizi?**. Tem um aí, não sei se já morreu, Florêncio de Abreu, desembargador de Getúlio...

HS: Desembargador de Getúlio...

JC: Já morreu? Não estou a par ... sei que morava na rua Domingo... Domingos Ferreira.

HS: Foi chefe de policia do Getulio...

JC: Foi. E ele, creio, concunhado, alguma coisa assim...

HS: É, a prenda... mas voltando, focalizando o ponto principal, o momento em que você tomou conta do navio, você era... tinha uma especialização. Você era marinheiro de primeira classe, portanto você era um marinheiro já com certos estudos, era primeiro timoneiro...

JC: Era primeiro timoneiro....

HS: Então você normalmente, quando o navio estava entregue aos oficiais (pausa), que que você fazia, qual a sua função, como foi possível você, assumindo o comando, dirigir as manobras do navio? Você já tinha prática de fazer isso sob o comando dos oficiais?

JC: A gente já teve prática...

HS: Isto é importante...

JC: Tava tudo dividido, toda... cada um... todas as frações que deveriam ocupar postos de combate...

HS: Então a marujada executou aquilo que estava habituada a executar, apenas os oficiais não estavam dando ordens, você estava substituindo os oficiais.

JC: Quem tava dando ordens era eu. Para o Minas Gerais e para todos os demais navios que haviam aderido ao movimento de pronto, além de que os que julgamos inconveniente e dispensamos .

HS: De modo que o problema havia...

JC: Íamos aproveitando as tripulações dos navios que estavam com a revolução.

HS: Portanto não havia problema dirigir, aquilo que vocês fizeram e que causou espanto a todo mundo era uma manobra de rotina, você declara no seu depoimento. O resto foi rotina de um navio de guerra, é uma frase do seu depoimento. Portanto tudo isso, da parte material de movimentação da esquadra, durante esses dias, que causou espanto, e que provocou dúvida: mas os marinheiros podem dirigir? Vocês estavam capacitados a fazer, não foi uma improvisação. Vocês faziam aquilo, sabiam fazer.

JC: Além dos conhecimentos que já tínhamos já da Marinha, ganhamos mais conhecimento durante o tempo em que estive... que estivemos lá no... assistindo a construção da nova esquadra que vinha, a esquadra da época. Eu na Marinha, posso dizer: a arte de governar um navio não é difícil, para quem não conhece, mas é, é espinhosa.

HS: Acredito.

JC: É, é espinhosa. e eu só conheci um timoneiro no mundo com maior poder. Sabe quem foi? Kaiser II, Guilherme II...

HS . Conte como você o conheceu...

JC: Porque eu vi ele passando revista na esquadra alemã, ele mesmo governando o iate dele, passando numa esquadra alemã de sessenta... sessenta navios, no mar, e nem... que é... e cuja esquadra, cuja revista o Benjamin Constant também, nosso navio... testara uma divisão alemã, eu vi que... fiquei sabendo, fiquei conhecendo. Na Marinha era duvidoso: "Timoneiro, ei João Cândido!", "Timoneiro, ei João Cândido!" Um fato: o canal de que era na Alemanha, a antiga Alemanha, que hoje eu não sei como é que está aquilo, era um canal que atravessa do... do Mar do Norte para a Prussia, sessenta quilômetros. Tinha a Companhia do Canal, todos os navios que passassem por ali, as tripulações dos navios, quer de guerra quer mercantes, eram inúmeras. Chegavam... saíam do... da balança flutuante, arriavam a bandeira da nacional... da nacionalidade, e entravam o pessoal da... do canal. A tripulação do navio era muda. Eu

já, pelo... pelo aspecto notado e os jornais alemães fizeram... escreveram qualquer coisa em que era **(ininteligível)**, fui o único timoneiro e o Benjamin Constant foi o único navio no mundo que não arriou a bandeira: Brasil. Passou a canal e eu governando... os alemães quando sentiram que o timoneiro...

HS: Em que época foi isso, João Cândido ?

JC: Mil novecentos e... seis. Seis, foi a viagem...

HS: E aí em 1906 você... (fim do lado A) era considerado um grande timoneiro, não admira que em 1910 você continuasse considerado um grande timoneiro.

JC: Ao alemães consentiram que um timoneiro brasileiro passa... atravessasse o canal governando um navio apesar dos técnico alemães terem... terem também nos seus postos com oficial intérprete brasileiro que era o capitão primeiro tenente Dias... esqueço o nome agora, não me recordo. Era um oficial alemão, um senhor brasileiro que se expressava muito bem no alemão.

HS: Mas João Cândido, nós ouvimos você e verificamos, primeiro, que você conscientemente, em 1910, chefiou um movimento para abolição da chibata. Fez isso esclarecidamente, mobilizando toda a marujada brasileira. Ouvimos você, com realismo mas com modéstia descrever como tomou conta do navio, como comandou uma esquadra mantendo em suspenso um país durante seis dias.

RG: Mas eu acredito que o relato do meio para o fim ainda não tenha sido concluído...

HS: Pois é exatamente isso que eu queria. Eu queria que você contasse o que se passou nesses seis dias do seu domínio sobre a esquadra e depois contasse o resultado desse movimento e a sua vida, como passou.

RG: E eu me permito sugerir que se possível dia a dia, já que sua memória, aos oitenta e oito anos, é prodigiosa. Se possível dia a dia.

JC: Depois ao estourar o movimento, isto foi no dia vinte e dois de novembro de 1910. Primeiro aí entramos em contato com o governo do Marechal Hermes, o governo do Marechal Hermes, e então recebemos por meios telegráficos que não confabulavam com os revoltosos. Esta foi a revolta do Marechal, a resposta. Então nós resolvemos a nos fazermos ao mar, até que o governo tomasse outra atitude, nos fizemos ao mar, fomos para alto mar. Depois começou aquela confusão de ataca, não ataca, e essas coisas, e a oficialidade do exército impunha... impunha... impuseram que o governo tinha poderes para atacar, como de fato tinha. O governo na época tinha poderes para atacar, pois tinha uma frotilha de dez destroyers novinhos, saídos da fábrica no mesmo ano... haviam mais de, mais de talvez cinquenta torpedos com cabeça de

combates preparados. O governo não atacou mesmo por negligência. Negligência e por covardia, covardia porque o governo teve poderes para atacar, que os oficiais, os... a oficialidade dispunham da teoria, não é? E os marinheiros puramente da prática e da boa vontade. Em seguida, viemos ao Porto depois de dois dias nos abastecermos, recebemos o primeiro contato com a cidade, por intermédio de quem? Julio Medeiros, conhece?

Ricardo Gravalpin: É o jornalista Julios de Medeiros.

JC: Conhece?

HS: Conheci pessoalmente, conheci pessoalmente.

JC: Não sei se ainda é vivo...

HS: Não, morreu, trabalhou no "O Jornal", ultimamente.

JC: Ah, ele trabalhava na Folha do Comércio. Eu geralmente acho que havia morrido... foi o único jornalista que teve ingresso nos navios revoltosos. Eu autorizei que ele visitasse todas as unidades, e depois entramos em contato novamente com o governo até que começaram um movimento na Câmara da anistia. O governo enviaram seus embaixador, nós não pedimos embaixador, o governo enviou, seu embaixador, o deputado e Capitão-mor de guerra José Carlos de Carvalho, deputado Federal pelo Rio Grande do Sul. Entramos em contato e o governo propôs anistia, propôs anistia e nós aceitamos, aceitamos a anistia na boa-fé, pois que vinha... vinha paralisar o movimento, antes em que o pessoal que agitasse mais, que eu tinha responsabilidade de não molestar a cidade, era um dos compromissos que eu tinha. Depois de quatro ou cinco dias, já para o dia vinte e cinco ou vinte e seis, fora votada a anistia. Com grande oposição no Senado, Rui Barbosa falou na noite que teve, Irineu Machado, achando o deputado um covarde, quer dizer, e os jornais da oposição também (ininteligível) grandes paixões partidárias, que não tinha nada a ver com a revolução. Depois eu aceitei, aceitei, de acordo com os poderes que tinha, anistia, indicar os oficiais que deviam de acumular... acumular os novos postos, todos foram indicados pela revolução, pelos revoltosos, para assumir o comando dos novos navios, os navios que seriam entregues ao governo. Para o Minas Gerais foi o capitão mor de guerra João Pereira Leite, os outros não recordeo (pausa). Para o Minas Gerais eu creio... para o São Paulo eu creio que foi o capitão de fragata... Raimundo do barco, um caboclo amazonense muito valente, e muito meu amigo, Raimundo do barco (pausa).

HS: E vocês, aceitando a anistia...

JC: Aceitando a anistia...

HS: Conte esses detalhes...

JC: Aceitando a anistia fomos... ficamos à disposição do governo, né, as perseguições e... os assassinatos, deportações... em seguida...

HS: Houve isso?

JC: Houve!

HS: Relate então mais detalhadamente, se possível...

JC: Em seguida, o governo por... para desafronta, prepararam a Revolução em terra para invadir os navios, tomaram conta dos navios para assassinar os marinheiros que haviam tomado parte na Revolução que ainda se conservavam a bordo. E os marinheiros, como já haviam, e havíamos... já estávamos... em condi... em condições com o governo, o governo fomentara a revolta na Ilha das Cobras, levantando o Regimento Naval, para daí ir para o mar e atacarem os navios, cuja tripulação estavam... já estava anistiada, para sacrificar os marinheiros. De forma em que, nós os marinheiros do Minas Gerais e dos demais navios que ainda nos conservávamos a bordo, ainda não havíamos sido excluídos, recusamos... recusemos a... aceitamos... tomamos aquilo como uma afronta, que os navios tava considerados já como desarmados. E de forma que arrebetara a Revolução na Ilha das Cobras, os marinheiros que estávamos a bordo ficamos sem ação, que não tínhamos... a oficialidade que estava a bordo fugiu. Fugiu, abandonaram os navios no porto.. de forma que os marinheiros novamente me confiaram o comando dos navios que haviam tomado parte na revolta, que haviam sido entregues ao governo, e foram abandonados mais uma vez pelos seus oficiais. Eu aí então levei o Minas para me proteger do bombardeio... dos bombardeios da Ilha da Cobra... das Cobras, que eram de todos os postos. Aqui no Largo do Paço tinha um oficial austríaco, especialista em mira, atirando na Ilha das Cobras, Morro do Castelo, Santa Cruz e os navios que estavam com o governo, Então levei o Minas Gerais para ficar protegido do... do bombardeio da esquadra do governo, levei lá para a Ilha do Viana, no estado do Rio. E por isto, dois ou três dias sem comunicação com os oficiais em terra, eu resolvi vir ao Arsenal de Guerra, o Arsenal da Marinha. E no Arsenal da Marinha fui preso, acusado de haver fomentado a segunda revolta, a preparada pelo governo que era para tirar o efeito da anistia concedida, e aí então seguraram o resto dos marinheiros, que a metade já tinha sido deportados, foram fuzilados em alto mar, naquele navio satélite...

HS: Satélite.

JC: ...daquele capitão do exército, não sei o que (**nome incompreensível**)...

RG: Quantos marinheiros foram mortos?

JC: O número não está a par... aí no livro diz mais ou menos, uns seis... Porém aqui na Vila Militar foram fuzilados um grande número deles. Na Vila Militar, que eu estou a par disso. Eu tinha meus... meus pombos-correio, apesar de incomunicável no... no quartel general, naquele tempo eram uns barracões de zinco ali, metralhadoras, duas metralhadoras na porta, eu tinha meus pombos-correio, Eu sabia, todas as noites saía as turmas para serem fuzilados.

HS: o relatório diz que partiram, o relatório oficial, cento e cinco ex-marinheiros, em companhia de duzentos e noventa e dois vagabundos, quarenta e quatro mulheres. Isso tudo foram deportados, que não foram mortos em viagem, foram jogados no Amazonas...

JC: Foram jogados sim... dados, dados de presente aos seringueiros, de forma em que aqui na Ilha do Boqueirão também, no fundo da baía foram fuzilados grande parte...

HS: Há uma notícia de que seu nome teria sido retirado à ultima hora desta lista, porque sendo o nome mais conhecido provocaria uma revolta, e que graças a isso você não teria figurado nessa lista dos satélites... Você atribui a que não ter figurado nessa lista dos satélites?

JC: Eu atribuí porque... eu atribuí mais isto... o... a pessoa de Pinheiro Machado, que ele haja intervindo. E mesmo no quartel general havia um... um coronel que era comandante de uma fração lá, aí que me conhecia de Rio Pardo, havia comandado o Vinte e Cinco de Infantaria, não sei o que... Enéas Barreto, uma coisa assim. Havia comandado uma fração lá em Rio Pardo, e ele conhecia minha família.

HS: Mas de qualquer maneira você não...

JC: Eu estive no quartel general, eu estive, eu estive...

HS: ...foi preso, você foi então preso naquele calabouço, naquela coisa escura...

JC: Eu estive na solitária...

HS: Na solitária, onde só você e um companheiro sobreviveram.

JC: Aí é que eu estive.

RG: É verdade isso?

JC: Aí que eu estive morreram dezoito asfixiados. Asfixiados pelo efeito do cal, e ácido fênico e... e outras coisas.

HS: Você foi... não tendo embarcado no navio, você foi colocado com mais quantos companheiro nesse... é uma gruta cavada na pedra, fechada com uma porta de madeira e depois uma grade de ferro, e uma...

JC: São dois compartimentos... dois ou três compartimentos, são prisões ainda do tempo colonial, do tempo dos holandeses, do tempo de Tiradentes, e nessas o Tiradentes eu depois fora transferido para ela, onde esteve o Tiradentes também.

HS: Seus companheiros morreram e só depois de estarem apodrecendo é que... deram conta...

JC: Não.

HS: ...de que tinham morrido. Como foi?

JC: Já pelo efeito morria hoje e já no dia seguinte... a temperatura...

HS: Não, mas quando foram retirados, quando é, porque vocês foram jogados lá e deixados lá. Quando é que tiraram vocês de lá?

JC: Todos os dias eles iam saber se João Cândido já havia morrido. Eles permitiam de só alimentar e com água, depois que João Cândido morresse. Aí então nós pedia que os outros, que dissessem que eu já havia morrido. E o dia que eles abriram encontraram aquele espetáculo. Aí em que eu estava morreram dezoito homens...

HS: Tinha dois sobreviventes, e dezoito mortos.

JC: E na segunda... na segunda creio que morreram seis ou oito. Esses cadáveres foram levados para o cemitério do Caju, e a administração do cemitério recusara o enterro porque não havia uma declaração... uma declaração oficial. O médico era um oficial da Marinha Capitão Ferreira da Veiga, creio, capitão mor de guerra, recusara atestar as mortes e por isto o jornal "O Correio" que era o jornal de oposição ao governo, houve qualquer um furo, e a... a... a cidade não ia saber, não ia saber, o jornal aí começaram a gritar: "Onde é que está João Cândido?", "Onde é que está João Cândido?", já os ingleses também lá se interessavam, queriam saber onde é que estava João Cândido, agora, aqui tive a oferta oficial, oficial inglês foi a bordo do Minas Gerais, me entregou um ofício do comandante do esquadrão inglês que estava aqui, esse almirante... creio que Smith, Smith, entregou um ofício oferecendo asilo em nome de Sua Majestade Britânica. Vinha aqui, me tirar do navio, o esquadrão inglês, nós recusamos a oferta inglesa, recusemo a oferta argentina, veio um missionário argentino aqui, me entregou um ofício em nome do almirante (**nome incompreensível**) que era o Ministro da Marinha Argentina, oferecendo asilo, tudo isso nós... eu... nós recusamos, os marinheiros, dissemos mesmo ao inglês que jamais sairíamos do Brasil. O esquadrão inglês estava aí, já protegendo os interesses ingleses. E daí para cá caí na penúria. Um ódio...

HS: Quando saiu desse... dessa prisão, você foi dado como louco, foi mandado para um hospício.

JC: Não, aquilo foi um arranjo deles para não depormos no inquérito em que certamente estavam em andamento. Nas era um inquérito, como costuma-se dizer.

(falha na gravação)

JC: ...e para que eu não depusesse me mandaram para o hospício, tinha o hospício mas lá tinha um grande professor Julião Moreira...

HS: Juliano Moreira, é um mestre.

JC: ...me disse... ele me disse: "A casa é sua. Quando quiser voltar para a Ilha, volte, a casa é sua". Depois a Ilha fora ocupada para... pelo Exército, o Exército, tomaram conta da Ilha, foram para lá oficiais muito distintos que to... que deram todos o direito humano ao... do homem aos prisioneiros. Tinha lá um oficial, morreu como Marechal Crispin.... Crispin Ferreira, era um oficial muito distinto, Coronel Saraimba, oficial muito distinto, teve um também, um batalhão que tinha aqui Segundo Batalhão que era aqui, era aqui no Arsenal de Guerra, Alfredo Leão da Silva Pedra. Segundo ba... se lembram disso, não se lembram? O Segundo Batalhão era aqui...

HS: Lembro.

JC: ...era aqui no Arsenal de Guerra. Depois saí da Marinha, fui excluído.

RG: Mas, um minuto estava ainda... do hospício passou pra onde, seu Cândido?

JC: Do hospício voltei para... para a Ilha, pra vir responder o Conselho de Guerra.

HS: Relate isso, como foi esse Conselho?

JC: Respondi o Conselho de Guerra...

HS: E como foi o Conselho de Guerra?

JC: O Conselho de Guerra foi a... eles fizeram a vontade deles, tinha uma turma dos grandes juristas da época, entre os quais Evaristo Moraes, o velho, Caio Julio Cesar Monteiro de Barros...

HS: ...Barbado...

HS: É... Jerônimo de Carvalho, também era da corte, da corte, usava casaca, por conta da Igreja dos homens de cor.... por conta da... da Igreja do Rosário. Ele só aceitara a causa com... com as condições da Igreja não contribuir um centésimo para... pelo feito deles, Evaristo e o outros. Fui ao Conselho de Guerra, o Auditor também era um homem muito, muito sério, João Pessoa, era o Auditor de Guerra. Aquele que mataram...

HS: Na Paraíba.

JC: Na Paraíba. João Pessoa... eles me disseram: “Vocês estão absolvidos”, uns dois ou três mês antes da reunião do Conselho de Guerra. Eram mais de dois mil marinheiros, só compareceram, creio que dezesseis ao Conselho de Guerra. Perversidade da Marinha. De fato, fomos absolvidos, absolvidos e eu excluído da Marinha. Não me excluí... não me expulsaram, me excluíram porque eu tinha tempo demais de serviço, de maneira que não deu mais para que fosse... excluído por conclusão de tempo legal de serviço.

RG: Em que dia se deu sua exclusão?

JC: Trinta de janeiro de 1912.

RG: E daí então passou a viver como, seu Cândido?

JC: Passei a viver na vida civil.

HS: Sentiu?

JC: Muito perseguido pela... pela... pela Marinha...

HS: De que modo?

JC: Eu queria seguir a vida do mar, embarcava... fui para a Marinha Mercante, então lá eu embarcava hoje aqui, chega o primeiro porto, chegava os oficiais da Marinha cassavam meus direitos, dizia que eu não podia, que eu não podia embarcar, pois que era revoltoso... Em uma viagem para o Rio Grande do Sul... para a Argentina, na volta cheguei... não, primeiro para o Rio Grande do Sul, navio brasileiro. Saí do Rio Grande do Sul, o Capitão dos Portos me cassou os papéis. Então não sei o que, veiz que lá durante a Guerra eu havia dado viva à Alemanha, aqui na avenida. O capitão da Mari...capitão da Fragata. Voltei para o Rio, cheguei aqui, fui a bordo do Almirante Alexandrino, que era o Ministro da Marinha, para **(ininteligível)**. E por telefone chamou o Capitão dos Portos e... “Entreguem os papéis de João Cândido imediatamente!. Eu também fui revoltoso e sou Ministro da Marinha”. Depois, andei lá pela Argentina, andei pela Grécia, embarcado num navio grego. Depois deu saudades do Brasil **(ininteligível)**...

HS: Quando?

JC: Isto... por volta de 1920, 22, e quando dei na... quando era a epidemia espanhola eu estive aqui na guar...

HS: Dezoito.

JC: Dezoito. Eu estive a serviço dos navios ingleses, da divisão inglesa que estava aqui, no momento de limpeza, desinfecção, enterrando inglês, todo dia mo... todos os dias morriam trinta a quarenta ingleses, da divisão que estava aqui, ficou... ficou destruída aí, foi preciso que viessem novas tripulações da Inglaterra, entre as quais estavam o cruzador **(nome incompreensível)** e outros mais uns dois ou três cruzadores.

E eu recebi novamente o convite para ir para a Inglaterra e eu desisti. Em 1917 estive na Argentina, aí e recebi convite para ficar na Argentina e desisti. Um marinheiro em que eu deixei... que desertou na Argentina em 1900, em 1917 eu cheguei na Argentina encontrei ele como capitão de fragata da Marinha Argentina, chefe dos práticos, militar de Baía Branca que é a primeira base naval da América do Sul, é a Baía Branca na Argentina. Cinco galeões... veio a bordo do navio em que eu estava, almoçar comigo (pausa).

HS: E voltou então, depois disso, em 1922...

JC: Depois...

HS: Prá fazer o que, seu Cândido?

JC: Depois ingressei na pesca, fui para a pesca. Era muito perseguido na Marinha Mercante, passei para a pesca. Trabalhei quarenta anos no mercado de pesca, aqui no serviço de pesca. Em 59, ali na Praça Quinze, no interposto da pesca, no dia em que completou quarenta anos abandonei o serviço. Não tinha, não tinha resultado, via que ia morrer de fome, abandonei o serviço e fui para o Rio Grande, sabe o que? Pedir esmola no Rio Grande do Sul, o Estado dera-me uma pensão de oito mil cruzeiros, o Estado do Rio Grande do Sul. Hoje, graças a Deus, estou com uma pensão sabe de quanto? Cinquenta e oito cruzeiros, foi quanto eu recebi no Banco do Estado este mês. Graças a Deus! Representa, para mim, representa milhões por vir de onde vem, do meu glorioso Rio Grande do Sul! O seu Felix esteve lá em casa ele viu, diploma de cidadão honorífico da Câmara Municipal de Cachoeira do Sul, da União Estudantil do Rio Grande do Sul... do... de São João de Miriti e outras coisas mais. Hoje tô com cinquenta e oito cruzeiros, imagine, dá para alguém comer? A missão está em pé.

HS: Você tem quantos filhos?

JC: Tenho cinco filhos homens. Tenho um que não vejo há trinta anos, há mais de trinta anos. Esse aí sabe onde é que ele trabalha. Trabalha aqui perto mesmo, na Esplanada.

HS: Quais são os nomes de seus filhos, apenas a título de documentação?

JC: Está aqui Adalberto do Nascimento Cândido, Arnaldo do Nascimento Cândido, Daniel Idálio Cândido, Mario de Freitas Cândido, Mackenzie Cândido e um enteado...

AC: Almerindo do Nascimento Cândido...

JC: Almerinda do Nascimento Cândido, Zelânia do Nascimento Cândido...

AC: Zelânia...

JC: Zelânia do Nascimento Cândido...

AC: Cândido de Andrade, Cândido de Andrade...

JC: Cândido de Andrade, que é casada e tomaram o nome dela, a outra família... Agora, netos, tô com vinte e uma netas...

HS: Bisnetos...

JC: Bisnetos ainda não tenho nenhum. Creio que vou ter o primeiro agora, brevemente.

RG: Qual é a rua em que mora hoje, seu Cândido?

JC: Eu moro na rua Turmalina, lote 18, quadra 50, terceiro distrito de São João de Miriti.

RG: E qual é seu estado de saúde hoje em dia...

JC: Meu estado de saúde é precário, com essa idade não posso ter um estado de saúde muito bom, não é?. O estado de saúde é precário.

RG: Me permita o doutor Hélio Silva, a perguntar...

JC: Agora, mais uma coisa: o senhor já leu aí, eu fora o único marinheiro na História do Brasil colônia, Império, Repúblicas.... República, não tenho conta de quantas, fora o único marinheiro na História colônia, Império, Repúblicas do Brasil a ter uma audiência marcada pelo Chefe de Estado no mundo! Eu tive uma audiência... uma audiência marcada pelo doutor Nilo Peçanha com o Presidente da República e fora recebido no Salão Amarelo em audiência pelo digno Chefe de Estado.

RG: Quando?

JC: Isto em 910, não estou me recordando, sei que...

HS: Antes da revolta?

JC: Antes, muito antes, foi há o que... tanto assim que na revolta ele fora acusado, ele fora suspeito, como se tivesse qualquer...

HS: Ele quem?

JC: Nilo Peçanha, porém já estava na Europa, tinha deixado o governo e seguira para a Europa.

RG: Eu me permito, peço, é, licença ao doutor... ao doutor Helio Silva, a lhe formular uma pergunta para esclarecer melhor os antecedentes da revolta de que o senhor foi líder. Quais os germes, como, quando o senhor entrou na Marinha, a partir de que momento passou a pensar em fazer um protesto que culminaria nessa revolta?

JC: Ah, eu entrei na Marinha...

RG: Relate isto.

JC: ...entrei na Marinha com... com quatorze anos e entrei bisonho. Entrei na Marinha bisonho e toda luz que me iluminou e me ilumina, graças a Deus, que é pouca, foi adquirida, posso dizer, na Marinha.

HS: Alguma vez você foi chicoteado?

JC: Não, senhor, graças a Deus.

HS: Então você era um marinheiro de bom comportamento.

JC: Bom comportamento, tanto assim que seria um marinheiro, continuaria bem, continuaria (ininteligível) varias vezes que só era permitido o engajamento nas Forças Armadas...

HS: E chegou a marinheiro de primeira classe...

JC: A cabo de esquadra.

HS: A cabo de esquadra, o que além de um merecimento técnico era um bom comportamento.

JC: Porém, quando dera-se a revolta, não estava exer... não era... não era cabo, era unicamente marinheiro de primeira classe, mesmo que me convinha mais ser primeira classe do que ser cabo, que os cabos sempre têm maior responsabilidade. E de forma em que toda luz que me ilumina, que é pouca, agradeço à Marinha. Cheguei no Rio de Janeiro bisonho, bisonho, não sabia nada, não sabia o "A", não sabia andar, não sabia nada. Dou graças a Deus a esta gloriosa cidade!

HS: Eu...

JC: Minha cidade adotiva e minha cidade madre...

RG: Agora, seu Cândido, eu lhe perguntaria, porque, com eu tratamento, pelo menos ao senhor um tratamento correto, o que lhe deu o germe que....

JC: Agora, sim, vamos entrar nesse assunto... já de... de moço, a rapaziada quando nós congregava muito, os moços, e sempre tinha uma certa... um certo... uma certa confiança em mim. Eu era o mesmo com criança, a gente era o mesmo até dos velhos, até dos velhos. Tinha interesse pelo bem-estar de todos, pela saúde de todos, e essas coisas. Quando não me dava bem aqui, pedia... pedia transferência até... cheguei até o extremo, para descansar... pedi transferencia lá para o nosso velho Amazonas, coitado do Amazonas, meus **trinta?** e três anos que eu estive por lá estão gritando... estão gritando agora... eu conheci o Amazonas em criança... em criança... é a mesma coisa de hoje... a escravatura, escravidão, aquilo nas mãos dos seringueiros...

HS: Essa tema da escravidão é o lema da sua vida. Você foi um homem marcado pelo destino para realizar um papel. E você teve a felicidade de num dado momento você ter cumprido aquilo que o destino espe... queria de você. Você foi marcado pela sua cor como uma reivindicação, que todo homem é igual, independente da pigmentação da sua pele. Você liderou uma... um protesto, uma revolta, que não era revolta apenas...

JC: Um protesto que foi, que transformou...

HS: Que fora de cor. Era um protesto dos humildes, um protesto de todos os marinheiros contra uma forma de tratamento aviltante. Era uma manifestação de dignidade e é um anseio de libertação. Então, este anseio que permanece até hoje, que ainda agora mesmo vo...

Fim da primeira fita

...você fala da sua lembrança do Amazonas, reconhecendo que esse anseio de libertação permanece em todos os homens e que sempre que há uma condição de humilhação, de escravidão, deve haver um protesto. Você diz que antes faria o mesmo protesto. Através da sua vida...

JC: Me dá licença, vai me dá licença um pouquinho... Eu estive no Amazonas, eu estive no Amazonas...

HS: Tenta depois...

JC: ...eu estive no Amazonas em um ponto que a menos de cem metros eu vi quando passar o chefe de Estado sul americano prisioneiro das tropas dos patriotas de Plácido de Castro, sabe quem? General Pando, presidente da Bolívia, tomaram conta das terras da Amazônia que ali inclusive que o exército dele estava tendo desvantagem, deixara a presidência da Bolívia, e ele assumira o comando do exército dele nas trevas acreanas e caíra também no poder dos... dos voluntários de Plácido de Castro, gaúcho, rio gretense. Rio gretense, o gaúcho. Eu vi quando ele passou, abriu a gaiola, prisioneiro dos... dos... dos patriotas de Plácido de Castro, na chamada boca do Acre, é ponto estratégico. Era onde estavam as tropas federais, tanto da Marinha quanto do Exército, comandadas pelo General Gabibes (?), o ex governador de Alagoas.

HS: Portanto, você, nunca tendo sido um político militante, você nunca quis ser um político militante...

JC: Não.

HS: ...você sempre foi um homem que tomou partido, que tomou uma atitude, o partido dos humilhados, o partido dos humildes, o partido da libertação. Certo?

JC: O partido dos bons.

HS: O partido dos bons. Muito bem. Agora eu pergunto: nesse período, do seu desligamento para a Marinha, de 1912 até agora, o Brasil passou por várias crises políticas, teve vários movimentos. Sem querer fazer uma apreciação política, mas apenas definindo a sua conduta, como um homem que tem lugar na História do Brasil. Nesses períodos todos, você como considerou ou como se portou em face desses movimentos sucessivos, vamos dizer, 22, 24, 30, 32, 37, 38, 45, 54, até os dias de hoje.

JC: Daqueles primeiros movimentos de 22 e 24, daqueles eu tenho pouca... eu tenho pouca prática. Porém este, esse movimento dos marinheiros, os marinheiros me consultaram, e eu avisei a eles que eles iam cair do galho, que a ocasião era inoportuna.

HS: Refere-se a 38?

JC: Estes, agora, dos marinheiros de... de 64. 64? Eu avisei a eles: vocês vão cair do galho, nunca me pediram opinião, porém eu que já sabia de tudo avisei a eles. De fato, entusias... entusiasmar-se demais. E este agora, esse militar, desculpem as minhas expressões, eu sei que os paisanos vão ficar zangados comigo, foram um movimento de salvação pública, na minha opinião. Não sei se alguém vai discordar de mim. Este agora, os militares, foi um movimento de salvação pública, porque eles estão trabalhando. Eles estão, os militares estão trabalhando, bem que também que eles estão rodeados de boas equipes, eles estão trabalhando, se não fizerem tudo farão o que puderem. E nós os paisanos já devíamos de ter feito o que eles pretendem fazerem agora. Esse movimento, sede bem vindo, que foi um movimento de salvação pública. E agora eu, com prejuízo, ou sem prejuízo, essas coisas, porque eu pouco interesse, né? Não se me davam nada, não se me dão nada, não sou simpático a fulano, essas coisas. Eu quero, eu quero ver é um Brasil bom, grande, forte, defendendo os seus, dando fatura aos seus, sem pedir, sem precisar de pedir trigo lá na Rússia, na Argentina, nesses lugar, que nós temos capacidade para tudo isso. Nós temos capaci...

RG: Seu Cândido...

JC: Eu vou dizer uma coisa: eu cheguei no Rio Grande do Sul há poucos anos, há coisa de oito para nove anos, fiquei envergonhado, fiquei triste, vendo o gaúcho parando, andando em bicicleta, no campo, em bicicleta. O que é isso? Não, é porque fazendeiro agora, se nós formos para casa a cavalo, o cavalo da fazenda, tem uns que pagaram direito do lombo do cavalo. Eu vi nas linhas de Cachoeira para Rio Pardo, não, eu vi lá um gaúcho com o laço na bicicleta. Falou: "Isso aí é pra fazenda". Fiquei triste quando cheguei no Rio Grande do Sul e encontrei a cidade de Cachoeira, uma cidade irmã, perto dos antigos meados de Santos, a cidade pobre, o povo no meio da rua, e um povo na porta da prefeitura pedindo comida. Cachoeira foi uma cidade rica, rica mesmo na expressão da palavra, passavam aquelas... aquelas indústrias em meados de Santos, né, com as primeiras indústrias do Sul do país. Agora, Rio Pardo... Porto Alegre cresceu. Rio Pardo também, cidade de centro de fronteira, cresceu pouquinho...

RG: Seu Cândido, eu quero insistir, se me dá licença...

JC: Pois não...

RG: ...naquele, naqueles... é... nos... no início, aquilo que determinou a sua revolta. É uma pergunta que eu lhe fiz e que não foi devidamente...

JC: Eu quis unicamente, aquilo foi unicamente...

RG: Se o senhor me permite. Se o senhor era tratado bem, se o senhor tinha uma condição de liderança, o porque lhe levou, o que lhe levou a estruturar aquela revolta de 1910?

JC: É porque, eu que tinha gozado de uma certa regalia com os oficiais, e os... a marujada me obedecia muito porque eu sempre, a voz exercia uma função de mando. Eu exercia uma função de um oficial, uma função de mando, e os marinheiros sempre quis estar junto a mim, essas coisas, e havia oficiais mesmo que tinham contato direto comigo. Havia oficiais sérios mesmo, queriam saber, oficiais até que... pediam para... para... instrução. E daí...

RG: O senhor era benquisto portanto pelos oficiais.

JC: Pelos oficiais, por alguns, alguns oficiais e pela... pela marujada. Os oficiais para mim... e daí fui nascendo, fui crescendo, fui crescendo, fui crescendo, fui crescendo, até que o milho deu a espiga. Deu a espiga desejada. Os marinheiros gozaram: João Cândido para aqui, João Cândido para ali, essas coisas. O senhor vai encontrar talvez em alguns desses livros manifestações aqui no Largo do... do Paço, uma velha que pedia esmola e ninguém tinha dinheiro, e eu tinha cinco reais no bolso e nós demos nas mãos da velha na ocasião em que vinha chegando o meu comandante Alexandrino de Alencar. Era o comandante do Riachuelo, então aquilo para mim e para os demais marinheiros aquilo foi um alento, mandou formar tripulação ele mesmo, fizeram um grande elogio, e essas coisas. Aquilo para mim foi um alento, fui indo, fui tomando, fui vendo a Marinha, andando pelo mundo, em contato com outra... outros povos, muito viajado por todos os países da Europa...

RG: E essa espiga de milho, quando é que nasceu o primeiro grãozinho, o que levou a produzir a espiga de milho?

JC: Esse é... o primeiro grãozinho foi que... foi na organização dos comitês, já com título de comitês revolucionários. Cada um comitê e...

RG: Quem organizou?

JC: E a intenção era aquela. Era... era logo que tivéssemos o elemento essencial para impormos às autoridades a revolta teria que vir.

RG: Mas quem organizou esses comitês?

JC: Os marinheiros. Eu era... eu era um dos chefes. Os marinheiros da época.

RG: Quais eram os outros chefes?

JC: Os outros, Floriano Dias Martins, Dias Martins, que comandou mais tarde o... Cruzador Baía, Gregário do Nascimento que mais tarde coura... comandou o encouraçado São Paulo, André (?) que comandou o encouraçado Deodoro, todos esses mari... eles congregaram os marinheiros dos navios em que eles serviam e outras repartições.

RG: Mas essa idéia de congregar marinheiros nesses comitês nasceu de onde e por que? O senhor poderia...

JC: Dos próprios marinheiros...

RG: Pelo processo de chibatas...

JC: E... para... para combater os maus tratos e as má alimentações da Marinha, e acabar definitivamente com a chibata na Marinha. O caso era este. Nós que vínhamos da Europa em contato com outras Marinhas não podíamos mais admitir que na Marinha do Brasil ainda um homem tirasse a camisa para ser chibateado por outro homem.

RG: E nesses comitês, como o senhor assumiu a liderança? Podia relatar esse seu processo...

JC: Assumi a liderança já indicado pelo demais comitês...comitês. Porque houve... havi... houve a... houve a formação do... em grupos, cada grupo, em cada um grupo tinha sua função. Nós tínhamos o nosso pessoal de máquinas da própria revolução. Nós tínhamos o nosso pessoal combatente da própria revolução, que eram os próprios marinheiros, não eram... não eram oficiais, não. Nós tínhamos nossos... nossos próprios marinheiros especialistas que estudaram inglês lá na Inglaterra, conheciam o movimento dos novos navios a fundo, o segredo dos novos dragão branco na época, eles era o símbolo dos mares, era Minas e São Paulo. Os marinheiros que estudaram na Inglaterra, todos eles estavam incorporados na Revolução, mesmo antes dela estourar. E daí, para o fim, definiu-se. Daí...

RG: Os comitês cresceram, o senhor assumiu o controle, e daí?

JC: Os comitês... os comitês cresceram, e eu tinha o domínio, o domínio total de todos eles, determinava para este ou para aquele nós todos os dias... todos os dias ou todas as... ou quando o... ah, o mais tardar de vinte em vinte e quatro horas nós tínhamos que estar em contato com todos os comitês. Com reuniões e... quando não podíamos nos reunir aqui na cidade nós íamos lá para o Sumaré, esses lugares, no Rio ia lá no mato...

RG: Uma outra pergunta: a oficialidade ou alguns oficiais tinham conhecimento disso?

JC: Não, jamais, jamais, jamais, porque ali havia... ninguém queria arriscar a vida, aqueles que pertenciam à revolução, ninguém queria arriscar a vida, jamais os oficiais... estaríamos perdidos, se algum dos oficiais tivesse qualquer uma de nós que... Aliás, numa ocasião, um oficial, também muito sagaz, falou: (ininteligível) falou com o almirante, me chamaram e me disseram: “João Cândido, vem cá. Eu hoje estou de serviço. Logo de noite você vai lá na, vai lá no alojamento, nós vamos conversar um bocado”. De noite eu fui lá: “Comandante”. E ele: “Senta aí”. E me disseram: “João Cândido, eu estou notando qualquer coisa entre a, entre vocês. Desconheço qualquer um fato, desconheço, tanto que os marinheiros, os marinheiros estão em grupinhos, em conversa, quando se aproxima um superior eles debandam, tô notando qualquer coisa”. E eu digo: “Não, eu desconheço tudo que haja de anormal a bordo”. Ele tinha confiança. E de forma em que depois da revolta, eu encontrei com ele porque ele assumira o comando do Batalhão Naval, e o Batalhão Naval, os marinheiros estavam subordinados ao Batalhão Naval aí nessa... Ele me disse: “João Cândido, eu não te disse numa ocasião a bordo, eu não te avisei?”. Ele notara em uma torre do Minas Gerais, era um oficial muito sagaz, ele notara uma digital em uma torre do Minas Gerais. Ele me disse: “Eu notei qualquer coisa na torre de ré. Eu não pertenço (ininteligível)”. “Desconheço”. Ele notara. Se os oficiais têm mesmo conhecimento antes, nós estávamos perdidos, nós catava um. Mas, quando diga: ficaremos com o Amazonas ou não?

HS: Devemos ficar.

JC: Devemos.

HS: Precisamos ficar.

JC: Precisamos ficar.

HS: Se houverem homens como você.

JC: Precisamos ficar. Eu lá estarei se for possível.

HS: Você provou que quando um homem quer, quando esse homem se multiplica por dois mil, nada pode vencê-lo.

JC: Mas olha hoje... hoje tá pior. Eu estive, no meu caso, no Amazonas em uma missão militar de demarcação, sob a chefia de um coronel do Exército, oficial muito distinto, coronel Siqueira de Menezes, depois general, marechal, governador de Sergipe. Siqueira de Menezes... nas fronteiras de um país... eu não vou dizer, deixa pra lá. Do lado brasileiro tinha um arco com uma folha de flandres República dos Estados Unidos do Brasil, e o governo de 1889. Do outro lado, o do nosso vizinho, um forte, a casamata,

conhece, né?, o que é as casamata. Quatro canhões, e dizia um arco com uma folha de flandres também, dizia: “Por la rasion ou por la força”. Do lado brasileiro, que há pouco estavam de metro deles, há 150 metros, o nosso vizinho di... o nosso vizinho dizia: “Por la rasion ou por la força”. Quatro canhões apontando ainda pro lado brasileiro. Certamente era europeu, o forte era europeu. Coronel Siqueira de Menezes encontrou aqueles homens lá abandonados lá, há dois anos, sem contato nenhum com o mundo, trouxe a maioria deles doentes para Manaus, deixou em Manaus, para que de Manaus eles viessem para o Rio, e daqui do Rio fossem transportados lá pelo Pacífico para a nação... lá para a nação deles, o Peru. Coronel Siqueira de Menezes, o doutor lembra certamente...

HS: Conheço.

JC: Quem duvidar, os arquivos do Exército dizem. Devem de dizer, que os da Marinha são negativos. João Cândido nunca existiu na Marinha...

RG: Sobre isso, é verdade? Nos arquivos da Marinha, essa... nos arquivos da Marinha não consta absolutamente o nome João Cândido, como se ele não tivesse existido?

JC: Foi sonegado, foi sonegado mesmo.

RG: Mas pelo fato de sua exclusão ou por um outro fato?

JC: Pelo fato de haver tomado a posição em que tomara na revolta, pelo ódio. Muitos oficiais da Marinha não conseguiram comandar o Minas Gerais e eu tive o... o sobejo poder de dominar, fazer o que eles jamais fariam, aí na Baía do Rio de Janeiro. Quando eu recebi ofício escrito que Julio de Medeiros me entregara a guarda do Minas Gerais, que a esquadra seria atacada, pelo governo. Eu não dei resposta a Julio de Medeiros. Preparei os navios, me fiz ao mar. E de lá passei um radiograma para o governo avisando que os navios estavam a trinta milhas da costa do Rio de Janeiro, esperando o ataque do governo, porque lá naquela... naquela altura nós brincávamos melhor. Esperei lá 24 horas, não apareceu ninguém, retornei à Baía do Rio de Janeiro, vim me abastecer. Umas três ou quatro vezes vim aqui me abastecer, quando chegava a tardezinha me fazia ao mar para descansar as tripulações.

HS: E abastecia sem maiores dificuldades?

JC: Sem maiores dificuldades, eu intimava. Intimava o guarda: “Quero isso, mande. Mande tantas toneladas de carvão, tantos quilos de carne, tanta... tantos quilos de verdura... “

HS: O governo parece que teve dificuldade em preparar os destroyers. Talvez não confiasse na tripulação de marujada.

JC: O governo teve foi... o que faltou foi bom senso, foi coragem (pausa). Que os navios entravam na Barra e saíam a hora que queriam, uma carabina mauser alcança quinhentos metros, uns mil e quinhentos metros. Da... da fortaleza São João a Santa Cruz não tem...

HS: O forte era ocupado por tropas do Exército? Não atiraram?

JC: Não, senhor. Demonstraram logo... o Santa Cruz, o comandante dela era um... o coronel Santos Porto, Santos Porto. Eu estava com... com a esquadra então eu comia lá na Barra. Ele viera me mandar em Santa Cruz da... da... do Arsenal de Guerra me pediram: "João Cândido, é melhor você ver uma ordem do governo para atacar os navios". "Mas nós não temos condições para atacar um homem como o coronel Santos". Santos Porto, que era muito, muito conhecido no Exército. E trazia uma senhora ainda com parto recente na viagem, eu autorizei que retirassem as senhoras da... da fortaleza Santa Cruz, transportassem todas as famílias para a terra, e os oficiais e a guarnição se quisessem também, que eles de fato, o que é que o Santa Cruz podia fazer no Minas Gerais? Copacabana na época não existia.

HS: Não existia.

JC: E mesmo que se existisse ia medir força com o Minas Gerais.

HS: Eu perguntei a você se você tinha tomado parte em algum movimento político. Sua apreciação sobre os acontecimentos desde aquela época até agora. Houve um movimento em que você participou. Quando houve o movimento integralista, você se filiou ao movimento

JC: Meu estado....

HS: ...integralista e tomou parte no desfile do hotel Glória?

JC: Dos cento e cinquenta... dos cento e cinquenta milhões.

HS: Defronte ao hotel Glória. Esse desfile tinha um grande número de marinheiros e de oficiais da Marinha...

JC: ...de oficiais da Marinha. Oficiais, generais e marechais (ininteligível).

HS: É. Neste momento como era recebida a sua participação pela Marinha? Os outros marinheiros e os oficiais integralistas como trataram você nessa ocasião?

JC: Me trataram como... como um superchefe. Eu... eu... as mesmas... as mesmas regalias que prestavam...

HS: E depois que, que o movimento integralista esmoreceu, diminuiu, depois do... de 38, a oficialidade da Marinha, grande número deles tinha tomado parte no movimento integralista, mudou a atitude que tinham anteriormente de reserva contra você, ou voltou a atitude anterior de reserva?

JC: Não, ficaram... ficaram... ficaram na estaca zero.

HS: E a marujada, daquele tempo, diante da de agora? Você continua a ser um símbolo da marujada brasileira?

JC: No Exército...

HS: ... ou tem a impressão de que os marujos do Brasil ainda consideram você...

JC: Agora eles...

HS: ... como expressão da sua dignidade?

JC: ...eles agora estão um pouco temerosos. Porém, há dois anos, há uns anos passados, num aniversário meu, estive em... em minha casa seguramente uns quinhentos marinheiros.

HS: Houve uma ocasião que prepararam um busto seu. Esse busto deveria ser inaugurado em Porto Alegre, no seu estado natal. Você podia nos contar a história desse busto? Porque que esse busto não foi inaugurado?

JC: Esse busto não foi inaugurado certamente porque houve uma oposição dos oficiais da Marinha que serviam nos cargos navais, e também da oficialidade do Terceiro Exército, que eu tive o conhecimento disto dos chefes daqui, o deputado Carlos Santos, esse crioulo muito distinto, hoje é presidente da Assembléia Legislativa do Estado...

RG: João Cândido está mostrando a fotografia tirada em Porto Alegre...

JC: Governador, deputado há mais de trinta anos na Assembléia, presidente da Assembléia atual, advogado, professor catedrático, advogado e metalúrgico. Foi tirado da oficina metalúrgica para ser deputado...

HS: Esse busto chegou a ser fundido?

JC: O busto está fundido, está guardado em Porto Alegre.

HS: E a maquete?

JC: E o gesso, o gesso está no, eu oferecera, no museu... no museu Santo Ângelo, em Rio Pardo, minha cidade. O gesso tá no museu... (pausa) Aqui temos uma recepção na Câmara... na Câmara Legislativa em Porto Alegre...

RG: Esta é uma outra fotografia...

JC: Aqui temos outra, também na Câmara.

HS: Houve uma sessão nessa Câmara em que você foi homenageado?

JC: Homenageado na sessão extraordinária, para ser recebido o grau de visitante honorário gaúcho. E aqui...

HS: Aqui é você?

JC: Aqui um... um almoço em Porto Alegre. Aqui sou eu sendo condecorado com o brasão do município de Rio Pardo.

HS: Sua cidade natal...

JC: Em rio Pardo...

HS: Portanto, já se começa a fazer justiça...

JC: Aqui temos...

HS: ...e a considerar que além da atitude...

JC: Aqui temos o deputado Carlos Santos lendo o discurso de saudação reservado para ele, recebi do... um poeta, saudando João Cândido em verso... meu embarque com o rapaz para... para Porto Alegre...

HS: Quando você esteve em Porto Alegre?

JC: Estive em Porto Alegre em.. 58, nos fins de 58, também em missões, também com missões que me acompanharam... Aqui é o... prefeito da cidade de Rio Pardo, o presidente da Câmara municipal de Rio Pardo, o juiz, o jornalista, o presidente da Câmara aqui recebendo o gesso, a comissão recebendo o gesso...

HS: Que você doou, muito bem.

RG: E todas essas fotografias que estão sendo mostradas agora por João Cândido foram tiradas em 1958, a sua última viagem...

JC: 59, em Rio Pardo...

RG: Na sua última viagem ao seu Rio Grande.

JC: Ao Rio Grande...

AC: ...setembro...

JC: Tenho muita vontade agora de fazer uma visita ao Rio Grande do Sul, agora não... unicamente para.. para ver se dava um jeitinho nesta pensão que não sei se.. se ainda alcançarei o ano que vem mas tenho... tenho mulher e preciso de comer.

RG: A sua mulher ela ainda é viva?

JC: É viva, ainda é viva e...

RG: Com quantos anos?

JC: E é moça, 66 anos...

RG: A mãe de todos os seus filhos?

JC: Não, esta é a quarta!

RG: Ah, bom!

JC: Esta é a quarta e já está com... esta é a quarta e está com 66 anos e este é o caçula da família, está com trinta. Esse é o caçula e esta é a quarta...

HS: Você era solteiro quando... em 1910?

JC: Era solteiro. Era solteiro porque minha...

HS: Sua família era a Marinha...

JC: Minha família era a Marinha. Cheguei no Rio Grande do Sul...

RG: E seus filhos os marinheiros?.

HS: Seus filhos e seus irmãos. E continua sendo até hoje.

JC: Hoje não. Família está constituída. Chegara aqui no Rio de Janeiro, como já disse, a cinco de dezembro de 1895, sozinho, sozinho, hoje estou com uma família com cinco filhos e mais de oitenta pessoas. Quer dizer que daqui para o ano de dois mil a para adiante ainda vai ter João Cândido.

HS: Você chegará certamente aos noventa anos, possivelmente aos cem anos...

JC: Não, cem anos não...

HS: Mas qualquer que seja a idade...

JC: ...cem anos não...

HS: ...que você atinja, você é um homem que se realizou, você é um homem que deixa um atitude ligada a um acontecimento que ninguém mais poderá esquecer. Você acabou com a chibata, acabou com o castigo físico aviltante. Você continua a creditar que homem nasceu para se libertar, que a vida sempre deve ser uma libertação?

JC: Porque eu nasci...

HS: Portando você é contra toda e qualquer forma de escravidão, contra toda e qualquer forma de sujeição do homem pelo homem?

JC: Embora meus pais tenham na... tenham sido escravos, o que não foi com meu pai era de origem uruguaia. Minha mãe não era escra... não fora escrava porque era de uma família...

HS: E você nunca foi chicoteado?

JC: Não.

HS: Faz cada... carne dos outros doía como se fosse na sua própria carne? E você é um homem e era solidário com a humanidade?

JC: E de forma em que eu quero que saliente que eu agradeço imensamente esta... esta gloriosa cidade, São Sebastião. Minha cidade madre, é esta.

HS: Para mim foi uma honra ouvi-lo, entrevistá-lo, sou um estudioso de História, conhecia a sua vida, a sua legenda, mas falo com você pela primeira vez. E é uma grande honra para mim que eu tivesse proporcionado...

JC: São três centenários do Rio de Janeiro, para mim ainda falta muita coisa par dizer...

RG: João Cândido, nós, nesse final de depoimento, me permitiria lhe pedir uma mensagem do futuro para este país de cuja história você é tão definitivamente marcado.

JC: Uma mensagem?

RG: Sim.

JC: É triste. É preciso que trabalhamos muito, que haja muita união, parte com parte, desapareçam as paixões, os espíritos de vinganças que hão de vir ou virão, é preciso que estejamos unido para o futuro, eu não, porque eu estou no fim da vida, mas a rapaziada, a mocidade, os jovens de hoje, é preciso compreenderes que o Brasil não é só o Rio de Janeiro, o Brasil é dois mundos, é preciso trabalharmos para podermos salvar de futuro a dignidade do... do Brasil. É preciso muito trabalho, muita união, muito carinho, muito espírito de irmandade. E para isso está em vossas mãos, os... os... os moços, os jovens, estão com o poder. Os jovens hoje têm mais poder de... de.. do que o Exército. O que falta, olha, é crânio, é orientação...

RG: Mas João Cândido...

JC: ...seguir uma orientação limpa, distinta, correta, não é cabelo, não é essas coisas...

RG: João Cândido...

JC: Sabe de uma coisa, me dá licença, uma coisa que eu li, Fidel Castro instituiu a pena de morte para os playboy: Calcinha apertada, sapato lustroso, pelotão sem processo. Quer que todos trabalhem porque Cuba, lá está um pouco apertadinha, sabe? E se o Fidel não andar direito vai cair. Vai cair breve, breve, breve. O senhor conhece a história de Cuba, não conhece? Assim como eu. O senhor é novo, não conhece o... não conhece a história de Cuba. Que o Brasil ajudou a tomar Cuba dos espanhóis para entregar ao americano. Foi um Vietnã... um Vietnã de poucos dias. O Brasil tem culpa naquilo, ajudou... ajudou... Ajudaram a tomar Cuba dos seus donos espanhóis para... para hoje vermos o papel que estamos vendo. Mas Cuba... pro Brasil sempre teve bons amigos. Teve Ita , um grande amigo do Brasil, não foi?

HS: Quem?

JC: Ita. Era um grande amigo de... do Brasil, de Getúlio, do Brasil. Tivemos Mussolini, um grande amigo do Getúlio, do Brasil. Tivemos Sargento Batista, lá de Cuba, um grande amigo do Brasil, e do falecido Getúlio Vargas. A mocidade consciente deste Brasil que tomem conta deste Brasil mas com segurança, para trabalhar, para trabalhar, que do contrário teremos aqui o segundo Vietnã.

RG: Então consideramos encerrado o depoimento de João Cândido as... aos trinta minutos passados das quatorze horas dessa mesma tarde.

JC: Queiram desculpar, não ter podido usar de melhores expressões.

RG: Foi excelente, João Cândido. Está encerrado o seu depoimento. Com uma grande... (Fim da gravação).